

1 TEATRO DA
TRINDADE
INATEL

Novos
textos
teatrais
19
PRÉMIO
MIGUEL
ROVISCO
2ª EDIÇÃO
20

HORA DE VISITA

DE
PEDRO
GOULÃO

ENCENAÇÃO
JOÃO
REIS

COM
MAFALDA LENCOSTRE
E PEDRO LACERDA

PRODUÇÃO
TEATRO DA
TRINDADE INATEL

A HORA DE VISITA, ARTE E COMBUSTÍVEL

O que é fascinante no trabalho de descoberta e de construção de uma dramaturgia, num texto inédito e de estreia absoluta, é a possibilidade que ele nos oferece de podermos ser pioneiros na inscrição de sinais e caminhos que ajudam a dar sentido a um todo, sujeito a muitas e variadas interpretações. E se é verdade que esse é o mecanismo habitual e recorrente de toda e qualquer encenação, eu diria que num texto que se confronta e debate pela primeira vez em cena, essa alegria da descoberta caminha lado a lado com uma angústia que é a da necessidade de afirmar um ponto de vista sobre o que nos é dado ver pela primeira vez. Uma “estreia mundial”, expressão que os fazedores de marketing gostam de usar para reforçar a importância do acontecimento e a sua primeira aparição. Não posso obviamente ignorar que tratando-se de um texto escolhido e premiado, no âmbito de uma iniciativa louvável como é a do Prémio Miguel Rovisco, que visa promover e incentivar a dramaturgia nacional e o lançamento de novos autores, tudo isto adquire, de certa forma, contornos mais apetitosos e, simultaneamente, mais inusitados do ponto de vista de uma celebração.

Celebremos, portanto, e antes de tudo, a estreia de um texto de um autor português vivo e contemporâneo!

Nos primeiros ensaios de leitura e de levantamento das cenas que compõem esta “Hora de Visita”, quis livrar-me do espectro que acompanhava desde cedo a ideia de que este texto e o tom que ele imprimia nos aproximava da comédia, reforçado inclusivamente pelo facto de uma das personagens, a filha, fazer uso do humor – ela faz stand up - para se apresentar na sua relação com o pai, artista plástico conceituado e relativamente popular, mas numa fase de enorme fragilidade e decadência por força da sua doença, terminal e irreversível.

À medida que fomos avançando no escuro deste quarto de hospital, frio e moderno, como uma antecâmara da morte, percebemos rapidamente que o humor se instalava não só a partir da subtil ironia das personagens, na tentativa de resgatar uma relação falhada, mas também numa espécie de acerto de contas e pontos de vista sobre a arte, a família, a memória e a história.

Era uma vez um pai que amava a sua filha que por sua vez amava a sua arte – menos o período Edgar – mas que o achava um péssimo pai, marido e avô.

José Murillo, o pintor que já só assina os seus quadros, reproduzidos por um comparsa – o tal Edgar – pago a peso de ouro para fazer cópias que valem milhares de euros, tem por uma vez, a oportunidade de se redimir perante a filha mais velha, já que as outras anteciparam o luto.

Esta disputa, jogada com enorme generosidade e inteligência pelos atores, transforma a matéria trágica em acervo cómico, e essa é também a subtileza do texto de Pedro Goulão, o seu combustível.

Um pintor que amava a sua arte, que por sua vez o traiu na sua relação com a sua mulher, que sofria de um tumor inoperável no cérebro, e que se suicida com a filha do outro lado da porta e que depois vê o pai desaparecer num acordo feito pelo avô para evitar ser condenado, mas que o condena ao exílio. Este é o fantasma entre o pintor desfasado ou atrasado no tempo aos olhos da filha, que tem traços do pai, mas não lhe reconhece a autoria, chama-lhe “Zé”. “Chama-me Pai” – ordena Murillo. Mente-me, diz-me o que eu quero ouvir como no Johnny Guitar, o filme que vimos vezes sem conta e que nos ensina a mentir.

Confusos? Bom, agora que sabemos de cor o refrão que alimenta a relação entre estes dois, já posso dizer ao que venho.

De que modo é que a criação artística pode afetar ou se alimenta de uma certa ideia de família?

O que é a verdade?

De que modo a é que a proximidade da morte nos atira contra uma inevitável aceitação dos factos? E será isso redentor? Terá valido a pena?

“Sim” – dirá José Murillo. Mas depois dos quadros forjados pelo Edgar, não saberemos nunca a resposta da filha, embevecida num último charro. Mas não vamos estragar isto com ternura.

Uma última palavra de agradecimento ao Diogo, que me confiou amavelmente este texto e me permitiu reencontrar nesta Visita o lugar do encenador. Aos atores, com quem aprendo todos os dias, aqui deste lado, e à maravilhosa equipa de criadores que aceitou acompanhar-me nesta vertigem.

João Reis



Hora de Visita, texto vencedor da 2ª Edição do PRÉMIO MIGUEL ROVISCO – NOVOS TEXTOS TEATRAIS, é sobre o reencontro entre uma filha e um pai, que estão desavindos há anos. Ele é um famoso artista plástico, que põe sempre o seu trabalho à frente da sua relação com ela e com o resto da família. Ela é uma comediente de stand up, que usa o humor, quase como terapia, para lidar com o trauma de ter sido abandonada pelo pai. Ele está num quarto de hospital, onde foi internado com um cancro terminal. Ela decide ir despedir-se e não deixar nada por dizer. A peça é passada nestes breves encontros e desencontros, que se dão durante o horário de visita, e explora temas como a morte, a redenção, a família, a arte, o humorismo e as refeições de hospital.

SALA ESTÚDIO
9 SET A 24 OUT
QUA A DOM 19:00

FICHA ARTÍSTICA E TÉCNICA

De **Pedro Goulão**
Encenação **João Reis**
Com **Mafalda Lencastre e Pedro Lacerda**
Espaço cénico **Daniela Cardante***
Figurinos **Miss Suzie**
Desenho de luz **Manuel Abrantes**
Som **Nuno Veiga**
Figuração **Nuno Pereira**
Direção de cena **Nuno Pereira**
Operação de luz **Hugo Cochat e Bernardo Martins**
Fotografia de cartaz **Pedro Macedo / Framed Photos**
Fotografias de cena **Filipe Ferreira**
Produção **Teatro da Trindade INATEL**

* As pinturas utilizadas na cenografia são da autoria de Cardante.

CONVERSA COM O PÚBLICO
26 SET / DOM. APÓS O ESPETÁCULO

PRÉMIO MIGUEL ROVISCO – NOVOS TEXTOS TEATRAIS

O Teatro da Trindade INATEL pretende com o Prémio Miguel Rovisco – Novos textos Teatrais incentivar a escrita de textos originais em língua portuguesa, na área do Teatro. Atribuído anualmente, tem um valor monetário de 2.500.00€, pressupõe edição em livro e apresentação do espetáculo na Sala Estúdio.

O regulamento para a 4ª Edição encontra-se disponível no site do Trindade. O prazo de entrega dos textos decorre entre 1 de dezembro 2021 e 31 de janeiro de 2022.



TEATRO DA TRINDADE INATEL

Direção Artística

Diogo Infante

Direção Executiva

Hugo Paulito

Secretariado Direção

Elisabete Duarte

Tesouraria

Telmo Martins

Produção

Maria Carneiro (Coordenadora), **Andreia Rocha**

Comunicação

Raquel Guimarães (Coordenadora), **Adriano Filipe**, **Alexandra Gonçalves**,

Miguel de Jesus Pereira (Designer)

Núcleo de Cena

Nuno Pereira (Coordenador)

Direção de Cena

Rosário Vale

Iluminação

Bernardo Martins, **Hugo Cochat**, **Filipa Romeu**

Som

Rui Santos

Audiovisuais

Antonio Pinto

Palco

Filipe Bastos, **Pedro Viegas**

Bilheteira

Beatriz Reis, **Luísa Oliveira**

Assistentes de Sala

Ana Rita Moura, **Beatriz Costa**, **Carina Rodrigues**, **Margarida Rito**, **Maria Inês**, **Paula Lopes**,

Rita Martins, **Sara Fernandes**, **Teresa Silva**

Manutenção Geral

Vítor Albuquerque

Técnicas de Limpeza

Helena Gameiro (Encarregada), **Fernanda de Jesus**, **Elsa Fernandes**

Acolhimento / Portaria

Carla Aniceto, **Ovisegur – Vigilância e Segurança Lda**



www.teatrotrindade.inatel.pt